**PLANO DE ESCRITA DA DISSERTAÇÃO**

**“PESSOAS SIMPLES FAZENDO COISAS SIMPLES, ERA ASSIM QUE A GENTE VIVIA”: FILANTROPIA E AÇÕES SOCIAIS DE MULHERES NAS TERRAS DE GOVERNADOR MANGABEIRA. (1971-1997)**

**Ânila Teresa Santana Fratelis**

**INTRODUÇÃO:**

A nova história cultural abriu, ao longo dos anos, um leque de possibilidades para que os historiadores pudessem entender uma série de aspectos e problemas históricos que antes eram vistos e interpretados como secundários, dessa forma o século XX é marcado no campo historiográfico pela possibilidade de tratar dos mais diversos temas tais como cotidiano, religião, mulheres entre tantos outros.

Além disso, a relação entre diferentes ciências, como a antropologia, a psicologia e a ciência política por exemplo, conferiu ao estudo da História tantas outras possibilidades de analises, isto é, o foco deixava de ser primordialmente a história dos vencedores ou ainda a história econômica, que durante as décadas de 1950 a 1970 ocupou um maior destaque nos estudos daquele momento, e passam a ser o estudo dos discursos, das práticas das alteridades a entrar na ordem do dia[[1]](#footnote-1). Sendo assim, a nova história cultural possibilitou a ampliação dos debater feitos no campo da historiografia, e pesquisas como a que me debruço para compreender se tornaram possíveis.

Aqui me proponho a discutir religião e mulheres, isto é, o objetivo principal é pensar o campo religioso como espaço de atuação social feminina na cidade de Governador Mangabeira, privilegiando grupos religiosos como a Igreja Católica, e o Centro Espiritual Médium Carmelita.

Para a construção da pesquisa o marco temporal é o período compreendido entre os anos de 1970 à 1990, essa baliza temporal foi estabelecida na tentativa de perceber possíveis mudanças sócias ocorridas a partir das ações e intervenções femininas na vida cotidiana da cidade de Governador Mangabeira, para além disso, é importante apontar que a década de 1971 foi escolhido como marco inicial por ter sido o ano em que a congregação religiosa das Irmãs de Caridade da Santa Cruz estabeleceu-se na cidade. Essa congregação era responsável por uma série de atividades que ultrapassavam o caráter espiritual e desembocavam em atividades sociais de cunho coletivo, é importante ressaltar também, que é após a chegada dessas religiosas que a cidade de Governador Mangabeira recebe sua primeira paróquia, ainda na década de 1970. Com a implementação da paróquia o catolicismo assumisse uma posição de maior autonomia no campo religioso mangabeirese, o que por sua vez, amplia a possibilidade de análise do papel social feminino dentro desse espaço.

Já o marco final, no ano de 1997 diz respeito ao fato da década de 1990, ter sido o período em que houve *boom* do movimento neopentecostal no campo religioso brasileiro, que por sua vez alcançou as terras do Recôncavo Sul baiano, e influenciou na religiosidade vivenciada nesse espaço. Durante as entrevistas orais concedidas pela filha da médium, dona Benedita, a mesma deixa transparecer alguns das discordâncias e possíveis embates gerados por protestantes mediante atividades desenvolvida por Carmelita. Diante disso levantamos a hipótese, que em certa medida, o crescimento do proselitismo neopentecostal pode ter influenciado na percepção social dos sujeitos mangabeirese sobre a figura da Médium Carmelita e as atividades exercida por ela. Além disso, verificamos que o primeiro centro médico da cidade de Governador Mangabeira foi construído no ano de 1987[[2]](#footnote-2), sendo assim, tendo o marco inicial em 1970 e o final em 1997 nos possibilitará perceber em quais medidas a presença de um centro médico na cidade influenciou ou não nas atividade realizada pela Médium Carmelita.

Ao me propor a pensar dois grupos religiosos distintos, não posso perder de vista que as diferenças sociais, religiosas, educacional e de formação cultural, influenciaram nos tipos de ações e intervenções sociais realizada por cada um desses grupos de mulheres. Apesar da dificuldade de traçar o perfil social das primeiras Irmãs das Santa Cruz que se estabeleceram em Governador Mangabeira, isto é, Ir. Adelia Seen, Ir. Marta Schimit e a Ir. Serafina Marchhart, é necessário marcar que estas eram mulheres católicas, consagradas ao sacramento da ordem, e que portanto tinham uma relação institucional e de obediência muito mais próxima da Igreja Católica que a maioria dos membros leigos, ambas eram mulheres brancas vindas da Europa, principalmente de países como Suíça e Itália, de acordo com o livro de tombo paroquial, estas eram responsáveis pelos serviços sociais e pela catequese paroquial[[3]](#footnote-3).

As Irmãs da Santa Cruz foram enviadas para Governador Mangabeira, uma cidade do interior da Bahia, que apresentava uma realidade social distinta da qual estavam acostumadas, o que aparentemente suscitou nessa mulheres o desejo pela realização de atividades que contemplasse, além dos anseios religiosos, o perpassavam o âmbito social. Logo após se estabelecerem na cidade, passaram a observar as condições de vida dos moradores e a partir das observações, criaram e colocaram em prática uma série de projetos que tinham por objetivo melhorar a vida dos homens e mulheres mangabeirenses[[4]](#footnote-4).

As Irmãs de Caridade da Santa Cruz, criaram creches, realizaram cursos de alfabetização, cursos profissionalizante de pedreiro, criaram oficinas e cursos de artesanato, objetivando contribuir com a complementação da renda familiar, pensando na salubridade das famílias auxiliou na fabricação de colchões e preocupadas com as condições de vida das trabalhadoras fumageiras nas fabricas extremamente insalubres[[5]](#footnote-5), fundaram uma cooperativa que contava apenas com trabalhadoras[[6]](#footnote-6). Essas, dentre tantas outras ações realizadas pelas Irmãs de Caridade da Santa cruz, eram, em sua maioria, conduzidas por mulheres e direcionada para mulheres. Vale ressaltar que as mulheres que auxiliavam as Irmãs[[7]](#footnote-7) na realização de suas atividades e cursos, eram em sua maioria, mulheres letradas que tiveram acesso a uma educação formal, tais como professoras e enfermeiras, por exemplo, já as mulheres as quais eram direcionadas essas ações, eram em grande medida, mulheres negras e trabalhadoras do campo na produção agrícola, nas fabricas de fumo da cidade ou das cidades circunvizinhas.

Conforme o site das Irmãs de Caridade da Santa Cruz, essa congregação foi fundada no século XIX na Suíça, pelo frei Teodósio e a Ir. Madre Maria Teresa Scherer, que depois da morte do frei assumiu o comado da ordem[[8]](#footnote-8). É importante ressaltar que desde a fundação essa congregação tem uma estrita relação com os pobres e os menos favorecidos, as preocupações não giravam apenas em torno do espiritual, isto é, havia uma relação estrita com a filantropia. De acordo com a Irmã Ivete Gomes, o Frei Teodósio estava bastante incomodado com a vida de miséria que os sujeitos levavam na Europa e por isso resolveu fundar uma congregação que tinha por objetivo ajudar a amenizar esses problemas, logo após a morte do frei a Ir. Madre Maria Teresa deu prosseguimento a seu trabalho seguindo a mesma linha de pensamento[[9]](#footnote-9).

Aqui no Brasil a Congregação chegou no ano de 1966, período em que a Igreja Católica direcionou um olhar especial para a América latina, foi também a partir da década de 1968 com a conferência de Medellín e logo após em Puebla em 1979, que a Igreja fez a tão famosa “escolha preferencial pelos pobres”, escolha esta que deu um outro rumo para o catolicismo latino americano.

A partir do direcionamento da Teologia da Libertação, o catolicismo brasileiro passa a se preocupar com as condições de vida dos homens e mulheres, sua situação de pobreza e miséria. Segundo Leonardo Boff, o que interessa a Teologia da Libertação:

É o pobre concreto, suas opressões, a degradação de suas vidas e os padecimentos sem conta que sofre. Sem o pobre e o oprimido não há Teologia da Libertação. Toda opressão clama por uma libertação. Por isso, onde há opressão concreta e real que toca a pele e faz sofrer o corpo e o espírito ai tem sentido lutar pela libertação.[[10]](#footnote-10)

Como demostra Leonardo Boff, a Teologia da Libertação se interessa principalmente pela condição de vida, de opressão e sofrimento dos sujeitos em situação de miséria, em contato com essa teologia a congregação das Irmãs de Caridade da Santa Cruz acabaram sendo influenciadas por estas e se firmam no Brasil e logo após, na década de 1970, na cidade de Governador Mangabeira, realizando uma série de ações sociais que objetivam, principalmente, mudar a realidade de vida dos menos favorecidos.

Em contra partida a líder e Médium Carmelita era uma mulher negra, nascida e criada na região do Recôncavo Sul da Bahia e que passou a maior parte da sua vida na comunidade rural de Queimadas, pertencente ao município de Governador Mangabeira. A Médium Carmelita era trabalhadora rural, mãe de seis filhos e viveu familiarizada com as misérias e as necessidades econômica e sociais daqueles com quem convivia, a mesma aparece nesta pesquisa por apresentar um interesse especial pelo cuidado, não só espiritual, daqueles que a procuravam. Há de se mencionar, que de acordo com os relatos orais, a casa espiritual da Médium Carmelita não era entendida, nem como um terreiro de Candomblé ou propriamente um centro de Umbanda ou Espiritismo, além disso a própria líder se entendia enquanto Católica, de maneira que é possível observar que suas atividades envolvia uma grande interpenetração religiosa, o que por sua vez, nos impossibilita de classifica-la em apenas um viés religioso[[11]](#footnote-11).

A prática caritativa e as consultas sem custos que ofereciam soluções, principalmente para problemas de saúde, era uma característica muito forte desse espaço religioso conduzido pela líder Carmelita[[12]](#footnote-12). É importante salientar que as mulheres sempre ocuparam o lugar de certo destaque no interior das religiões de matrizes africanas conforme indica Siqueira:

No interior das comunidades afro-brasileiras existem presenças masculinas, reconhecidas nas funções de zeladores de orixás, pais de santo, babalaôs, egbomes de terreiro desempenhando papéis valiosíssimos, mas o que queremos ressaltar aqui é a especificidade do papel feminino nessa dinâmica de formação de pessoas, de estruturação de saberes que formam seres e imagens e pessoas. As mulheres reproduzem nos Terreiros sua condição feminina por natureza concebendo, procriando, amamentando, guardando segredo, transmitindo valores, contando história dos antepassados, construindo memórias de família, criando modelos de referência, reforçando símbolos.[[13]](#footnote-13)

O papel da mulher nas religiões afro-brasileiras ainda é contornado de muitas especificidades, principalmente no que toca a transmissão do conhecimento e das tradições. No entanto, não podemos deixar de apontar que a relevância feminina dessas lideres religiosas ultrapassa o espaço do sagrado e em muitos momentos desemboca no âmbito social. No que se refere a líder Carmelita, mulher negra, nascida e criada nas terras da antiga Cabeças,[[14]](#footnote-14) também é possível perceber o papel de destaque que ela ocupava na cidade de Governador Mangabeira e arredores. Segundo Alaize Conceição:

Carmelita dos Santos desempenhou importante papel na comunidade de Queimadas e toda a região adjacente no Recôncavo, caracterizada, por muitos, como grande líder espiritual que durante décadas resguardou e zelou a integridade física e espiritual de indivíduos num período no qual a medicina institucionalizada caminhava em busca de sua consolidação[[15]](#footnote-15).

Como demonstra Alaize Conceição, Carmelita se destacava como uma líder religiosa e se transformou em uma mulher influente em sua região por demonstrar um cuidado com a saúde daqueles sujeitos que eram próximos, e que não tinham acesso a uma medicina institucionalizada. De acordo com Bourdieu, o poder sacerdotal é responsável por legitimar e racionalizar a religião, isto é: “um corpo de sacerdotes tem a ver diretamente com a racionalização da religião e deriva o princípio da sua legitimidade de uma teologia erguida em dogma cuja validade e perpetuação ele garante”[[16]](#footnote-16)

O espaço religioso cristão, é visivelmente composto por uma maioria feminina, por muito tempo não possibilitou que as mulheres ocupassem um lugar de destaque ou de liderança dentro das Igrejas, pastorais e movimentos, no entanto com a influência dos movimentos feministas na década de 1970, bem como os novos caminho possibilitados pela Teologia da Libertação, as mulheres passaram a assumir o controle e a direção de uma série de atividades, se tornando construtoras de sua própria salvação. Já nas religiões de matrizes africana as mulheres sempre ocuparam um lugar de destaque, elas são responsáveis por uma série de atividades essenciais para o prosseguimento das religiões, no entanto o papel social que essas mulheres ocupam, nem sempre foi ou é reconhecido. Sabendo dessa realidade, me surgiram as seguintes inquietações: Como as Ir. Da Santa Cruz e a líder e Médium Carmelita desenvolveram estratégias de atuação dentro da cidade de Governador Mangabeira, e a partir daí se tornaram protagonistas de uma série de ações sociais? Qual o papel social que as mulheres católicas e de religiões afro-brasileira que se relacionavam com as Irmãs da Santa Cruz e com a Médium Carmelita, desempenharam a partir do campo religioso, de Governador Mangabeira? As atividades e ações desenvolvidas por essas mulheres religiosas mangabeirensses provocaram algum tipo de mudança social no município? Essas são algumas das questões que direcionam essa pesquisa.

De acordo com Jacques Le Goff “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história”[[17]](#footnote-17) isto é, o fazer historiográfico tem como alicerce principal a memória. Entendendo isso, e objetivando acessar as memórias das mulheres religiosas, promovendo ações sociais a partir de suas respectivas religiões utilizarei como um dos métodos de pesquisa a História Oral. Esta nos permite recuperar o que foi vivido conforme concebido por quem viveu[[18]](#footnote-18), ou seja, os próprios agentes da História relatam a partir do seu contexto social e histórico, as suas vivências e suas próprias leituras sobre ela.

No que diz respeito a História Oral, o pesquisador não pode perder de vista que está tratando de sujeitos e não de objetos inanimados de pesquisa, e enquanto sujeitos essas pessoas sentem dor, se alegram, se emocionam, sentem raiva. Sendo assim os relatos orais vem acompanhados de uma série de subjetividades, tais como a entonação das voz, as expressões faciais, a forma com que as mãos se movimentam ou ficam em repouso. Essas subjetividades não devem ser ignoradas pelo pesquisador, elas falam o que os entrevistados não consegue expressar em palavras, o que por sua vez proporciona uma riqueza de detalhes que a maioria das fontes não poderia fornecer.

A História Oral possibilita ouvir os homens e mulheres que não aparecem nos documentos escritos ou oficiais, mas que não deixam de ser sujeitos ativos na construção da História. Conforme Tania Gandon, a memória oral bem como a tradição oral são importantíssimas na “consolidação da identidade cultural de grupos que participam em condições desfavoráveis dos processos econômicos e socioculturais da sociedade global em que se inserem”[[19]](#footnote-19).

A iconografia, bem como os relatos memorialísticos, se apresenta como importantíssimos nesta pesquisa, mas também exigem um tratamento especifico. Quando se trata dos registros de memória é necessário tomar cuidados que se aproximam com os utilizados na História Oral, isso significa dizer que o memorialista não escreve uma verdade absoluta, ele apresenta sua versão dos fatos, sua interpretação dos acontecimentos, escreve a partir de um contexto histórico e é influenciado pelos seus sentimento e essas questões não podem ser desconsideradas pelo pesquisador. De acordo com Viviane Domingues, os memorialistas são sujeitos que “registram a memória local, realizam uma narrativa que se aproxima com o cidadão comum, que cresceu e socializou através dos ‘causos’, ouvidos ou narrados, sobre a sua terra.”[[20]](#footnote-20) O que Domingues aponta, reforça o cuidado especifico que é necessário ter com esse tipo de fontes, ao mesmo tempo que nos lembra o quanto os relatos memorialístico são riquíssimos e contribuem muito para a construção do saber historiográfico.

As fontes iconográficas também são fontes riquíssimas para a produção do trabalho historiográfico, conforme Ana Maria Maud e Marcos Felipe Lopes:

A ideia de que as imagens permanecem no imaginário social como ícones das culturas das quais fazem parte pode ser útil para compreendermos que elas, como qualquer produção humana, são suportes de relações sociais, estão envolvidas em jogos de poder, arenas discursivas e conflitos de toda sorte.[[21]](#footnote-21)

Maud e Lopes lembram que as imagens não são um retrato fiel da realidade, que a imagem congelada na fotografia também é fruto do tempo, das relações sociais e culturais, portanto, assim como qualquer outro documento histórico elas devem ser lidas e interpretadas, levando em consideração os aspectos apontados acima.

O cruzamento dessas várias fontes, isto é, as impressas, iconográficas, manuscritas e os relatos orais, permitirão uma análise sobre a posição que as mulheres ocupavam no campo religioso de Gov. Mangabeira, bem como elas usavam esses espaços como motivação para a realização de ações sociais e filantrópicas.

Para além das abordagens metodológicas, incorporamos alguns conceitos e teóricos que nos permitirão analisar com mais propriedade o que nos propomos. As mulheres são peças fundamentais para fazer girar as engrenagens das religiões, mas, como já apresentado aqui, elas não se limitaram a atuar apenas nos espaços religiosos, ou dedicando atenção e cuidado somente ao Espirito e esquecendo do corpo, das necessidades físicas, do bem estar social, sabendo dessas questões, pretende-se, neste trabalho, pensar as mulheres como protagonistas de ações sociais, tendo como mote para essas ações o campo religioso de Governador Mangabeira.

Para tal, se faz necessário o conceito de campo religiosos cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, para o autor o campo religioso é um espaço social formado por diferentes posições que possuem características particulares, além de ser um espaço de disputa em que os principais sujeitos são os sacerdotes os profetas e os leigos. Ainda de acordo com Bourdieu, há uma relação tangente entre a as questões econômicas e sociais, os sistemas simbólicos e as religiões.[[22]](#footnote-22)

Não se há de negar que as religiões constituem um espaço de relação de poder, isto é, os homens e mulheres que estão envolvidos nas religiões transitam com as cargas de poder que recebem das instituições, da hierarquia, dos sacerdotes e sacerdotisas, ao mesmo tempo que também exercem um poder legitimado pelos fieis, pelas pessoas que frequentam os templos ou locais de culto e por essas mesmas instituições, hierarquia sacerdotes e sacerdotisas. Nesse sentido, Bourdieu auxilia na medida que ele entende que sistemas simbólicos representam veículos de poder que possibilitam ordem.[[23]](#footnote-23) isso porque a religião produz e reproduz dogmas, rituais, práticas e discursos que objetivam manter e legitimar uma ordem política e religiosa.

Também utilizaremos as reflexões propostas por Roger Chartier à medida que ele pensa que as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interessem dos grupos que as forjam[[24]](#footnote-24), além disso o autor aponta que:

As práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou individuais singulares) marcam de modo visível e perpetuo a exigência da comunidade ou classe.[[25]](#footnote-25)

Sendo assim essas práticas e representações contribuem para a construção de uma compreensão de mundo, ou seja, Chartier auxiliará entender como as mulheres religiosas fizeram uso dos mais diversos símbolos e linguagens, tais como a criação de associações, cursos profissionalizantes, cursos de alfabetização, realização de consultas espirituais para construir caminhos de atuação e protagonismo dentro das suas respectivas religiões, levando em consideração o jogo de relações, que se constrói no fazer diário, nas lutas e labutas, que revelam uma relação de dominação e resistência, e que podem ser afirmadas e reafirmadas a partir das práticas e representações.

Além disso, entendo o gênero como uma categoria de análise[[26]](#footnote-26), lançaremos mão das discussões proposta por Joan Scott a medida que a autora aponta que:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único[[27]](#footnote-27).

De acordo com Scott o gênero é forjado por relações sociais, e portanto tem uma estrita ligação com as relações de poder. Nesse sentido o conceito mencionando se torna indispensável para nos conduzir a entender como as mulheres religiosas conseguiram desenvolver estratégias de atuação na cidade de Governador Mangabeira

**CAPITULO I: CONTEXTO SOCIAL E FORMAÇÃO RELIGIOSA FEMININA EM GOV. MANGABEIRA**

Nesse primeiro capitulo, com o qual pretendo qualificar, objetivo pensar, no contexto macro, a formação social e religiosa do município de Governador Mangabeira, isto é, pensar Governador Mangabeira inserida no contexto social, cultural e religiosos do Recôncavo Sul da Bahia, tentando compreender como esse espaço geográfico que também é cultural influenciou diretamente na formação cultural e religiosa do município.

No segundo momento discutirei de forma mais especifica o contexto social do Município de Governador Mangabeira, pensando a economia da cidade e as formas de subsistência desenvolvida nesse espaço, até descambar na formação religiosa, em que pensarei os principais grupos religiosos e manifestações religiosa que compõe o município.

Para além dessas questões no primeiro subcapitulo, discutirei de forma geral, as mulheres mangabeirenses, traçando um perfil social, étnico e religioso destas. Isso significa dizer que tentarei pensar quais lugares sociais essas mulheres normalmente ocupavam, se trabalhavam de forma remunerada, bem como pensarei suas relações com as religiões de matriz africana e com o catolicismo.

No segundo subcapitulo discutirei a relevância da figura feminina dentro das religiões de matrizes africanas, tentando pensar as especificidades das atividades e ritos que só podem ser realizados por mulheres, bem como chamarei atenção para a importância do papel da mulher na perpetuação das tradições afro-brasileira.

No terceiro subcapitulo pensarei brevemente os caminhos que levaram as Irmãs da Santa Cruz para Governador Mangabeira, isto é, tentarei analisar o intuito da Igreja Católica com o envio dessas religiosas para o Brasil. Falarei sobre a chegada das Irmãs da Santa Cruz em terras mangabeireses, pontuando o contexto religioso e social no momento da chegada destas. Na tentativa de organizar melhor o texto e as ideias dividirei esse subcapitulo em um sub tópico intitulado “São homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja”: Teologia da Libertação e a escolha preferencial pelos pobres. Nesse momento me concentrarei em conceituar e discutir caminhando com os principais teóricos e Teólogos da teologia da libertação, tais como Leonardo Boff, Clodovil Boff, Rubem Alves e Michael Lowy, pensarei quais os impactos dessa vertente teológica sobre o caminhar da Igreja, como essa funciona no cotidiano, e por fim como se relaciona e influência nas atividades e no agir das Irmãs da Santa Cruz.

**Prováveis Subtítulos:**

* 1. QUEM SÃO AS MULHERES MANGABEIRESES? PERFIL SOCIAL, ÉTNICO E RELIGIOSO.
  2. UNIVERSO AFRO-BRASILEIRO E A CONSTRUÇÃO DO LUGAR DE SACERDOTISA
  3. OUTROS MARES: CHEGADA DAS IRMÃS DA SANTA CRUZ EM GOVERNADOR MANGABEIRA

**1.3.1. “São homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja”: Teologia da Libertação e a escolha preferencial pelos pobres.**

**Fontes:**

Impressas:

Livro de memória: CASTRO. Anfilofilo de. História e estrela de Muritiba. Bahia: Tipografia Naval: 1941.

FONSECA, Angelita Gesteira; Primórdios e Progressos de Governador Mangabeira. Governador Mangabeira: [s.n]. 2000.

Jornal Folha de São Félix.

Manuscritas:

Livro de Tombo da paroquia Nossa Senhora da Conceição de Gov. Mangabeira

Livro de Memórias das Irmãs da Santa Cruz de Governador Mangabeira.

**Bibliografia básicas:**

BRANDÃO. Alex Sandro da Conceição. **Santos Reis**: festa, poder e memória na comunidade rural de Aldeia (Governador Mangabeira-Ba 1970-2000). Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado da Bahia: Santo Antônio de Jesus: 2011.

# BOFF, Leonardo. Quarenta anos da Teologia da Libertação. Disponível em:< https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/> Acesso em: 01 de março de 2016.

\_\_\_\_\_\_\_, Leonardo. **Teologia da Libertação**: viva e atuante. Disponível em: < http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=26> Acesso em: 01 de março de 2016.

CONCEIÇÃO, Alaize. S; "O santo é quem nos vale rapaz, quem quiser acreditar, acredita!" práticas religiosas e culturais nas benzenções. Curitiba: Editora Prisma, 2015.

LÖWY, Michael. **Teologia da Libertação:** Luta de classe dentro da Igreja. Disponível em: <<http://orientacaomarxista.blogspot.com.br/2008/02/teologia-da-libertao-luta-de-classes.html>> Acesso em: 01 de março de 2016.

**\_\_\_\_\_\_\_,** Michael. **A verdadeira Igreja dos pobres.** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518926-a-verdadeira-igreja-dos-pobres-artigo-de-michael-loewy>> Acesso em: 01 de março de 2016.

SILVA, Elizete Machado da. A tradição Popular das Rezadeiras no Municipio de Governador Mangabeira (1962-1987). **Textura:** Governador Mangabeira-Ba, 2012.

SILVA, Elizete. Protestantes na terra de todos os Santos: acordos, disputas e polêmicas. Rio Grande do Sul: **Mouseion.** v. 17, n. 1, abril, 2014. p.62-72. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1587/1058>. Acesso em: 01 jun. 2017.

SILVA, Luis Carlos Borges da; **A Vila e o Coronel – poder local na vila de Cabeças. (19301962).** Monografia de Especialização. Bahia: UNEB, 2004.

**CAPITULO II: PRÁTICAS CURATIVAS NO UNIVERSO RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIRO.**

Nesse capitulo, pretendo me debruçar sobre o universo religioso afro-brasileiro, pensando suas principais características, na tentativa de entender qual lugar e a importância essas práticas de cura ocupa dentro desse universo. Para isso, pensarei sobre quais condições as religiões afro-brasileira se forjaram no Brasil, bem como explicarei em qual contexto social essas mesmas práticas curativas estavam inseridas na cidade de Governador Mangabeira.

Pensar sobre tais aspectos nos dará a possibilidade de entender o papel que as mulheres ocupam dentro do universo afro brasileiro, já que são elas, em muitos casos, as principais responsáveis pelas atividades de cura. Nesse sentido buscaremos compreender qual o lugar de atividades as sacerdotisas ocupam nas referidas religiões.

Será nesse capitulo também que discutirei de maneira mais próxima, e tendo como base as fontes orais, as atividades e o papel social desempenhado pela médium Carmelita. Me dedicarei a discutir as características das práticas desempenhada por ela, levando em consideração na análise as características dos grupos de pessoas que comumente a procurava.

Para além disso, pensarei o envolvimento das mulheres, que em uma medida ou outra, se relacionavam com a médium e contribuíam para as suas atividades. Aqui também aparecerá a discussão sobre a importância simbólica que Carmelita adquiriu ao longo dos anos na cidade de Governador Mangabeira.

Objetiva-se dessa forma, pensar a importância que a médium Carmelita e que as atividades desempenhadas por ela adquiriram ao longo dos anos no município de Governador Mangabeira e municípios circunvizinhos.

**Prováveis Subtítulos:**

* 1. INFLUÊNCIA FEMININA: UMA SACERDOTISA NAS TERRAS DO RECÔNCAVO

2.2. “CARMELITA TRABALHAVA ASSIM...”: ATIVIDADE REALIZADAS PELA MÉDIUM

2.3- “VINHA MEIO MUNDO FALAR COM ELA, A GENTE TUDO AJUDAVA”: ENVOLVIMENTO FEMININO COM A MÉDIUM.

2.4- “SE NÃO FOSSE CARMELITA EU NÃO SEI O QUE SERIA DE NÓS”: A IMPORTÂNCIA SIMBÓLICA E SOCIAL DA MÉDIUM.

**Fontes:**

Orais:

Natalia Souza- Frequentadora do Centro Espiritual da Médium e Yalorixá Carmelita;

Rute Santana- Frequentadora do Centro Espiritual da Médium e Yalorixá Carmelita;

Nair Fratelis- Frequentadora do Centro Espiritual da Médium e Yalorixá Carmelita;

Raimunda dos Santos-Frequentadora do Centro Espiritual da Médium e Yalorixá Carmelita;

Benedita Oliveira Conceição- Filha da Médium e Yalorixá Carmelita;

Bernadete Oliveira Conceição- Filha da Médium e Yalorixá Carmelita;

José Santana- Ex prefeito do município de Governador Mangabeira e vizinho de Carmelita;

Mario Santana- Vereador do município de Governador Mangabeira e vizinho de Carmelita.

Manuscritas:

Atas da câmara de vereadores da cidade de Governador Mangabeira.

**Bibliografia base:**

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: Contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. 2ºed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985.

BERNARDO, Terezinha. **O Candomblé e o poder feminino**. REVER. n.2, ano 5, 2005.

BRAGA, Júlio. **Na gamela do feitiço**: repressão e resistência nos Candomblés da Bahia. Salvador: EDUFBA, 1995.

BRANDÃO. Alex Sandro da Conceição. **Santos Reis**: festa, poder e memória na comunidade rural de Aldeia (Governador Mangabeira-Ba 1970-2000). Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado da Bahia: Santo Antônio de Jesus: 2011.

CONCEIÇÃO, Alaize. S; **"O santo é quem nos vale rapaz, quem quiser acreditar, acredita!" práticas religiosas e culturais nas benzenções**. Curitiba: Editora Prisma, 2015.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas**: homenagem a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant´Ana em Salvador (1860 – 1940). Salvador: Edufba – Coleção Bahia de Todos os Santos, 2010.

FONSECA, Emanuele Bethânia Santana. **Práticas De Cura E Religiosidade Afro-Brasileira Em Jacobina-Ba** (1976-1988). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana: 2017.

MORGADO, Chablick de Oliveira. **O Voo Do Pássaro E Seu Canto: Trajetória De Um Espírita E Do Espiritismo Em Feira De Santana (1940-1960)** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana: 2016.

NASCIMENTO, Luiz Claudio dias. “**Terra de macumbeiros” redes de sociabilidades africanas na formação do Candomblé Jeje-Nagô em Cachoeira e São Felix – Bahia.** Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Bahia: Salvador: 2007

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**: Umbanda e sociedade brasileira. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999

PEREIRA, Daiane Pires. **Prestígio e filantropia**: Irmandade de São Benedito e Conferência de São Vicente de Paulo em Feira de Santana (1903-1929). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana: 2016.

SILVA, Elizete Machado da. A tradição Popular das Rezadeiras no Municipio de Governador Mangabeira (1962-1987). **Textura**: Governador Mangabeira-Ba, 2012.

SIQUEIRA, Maria de Lurdes. **Agô Agô Lonan mitos, ritos e organizações em Terreiros de Candomblé na Bahia**. Mazza Edições, Belo Horizonte: 1998.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, Maria de Lourdes. **“Gênero e Racismo**”. In: SABOYA, Giberto Verne (Org.). Anais de Seminários Regionais Preparatórios para a Conferência Mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado de Direitos Humanos. 2001.

TALL, Kadya Emannuely. **O papel do caboclo no Candomblé baiano**. In: Carvalho, M.R. & Carvalho, A. M. Índios e caboclos: a história recontada, Salvador: EDUFBA. 2011.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé:** O uso de plantas na sociedade Iorubá. São Paulo: Companhia das letras: 1995.

**CAPITULO III: QUEREMOS UM NOVO CÉU, UMA NOVA TERRA E UM NOVO MAR: AÇÕES SOCIAIS EM GOV. MANGABEIRA.**

Nessa capitulo objetivo pensar, principalmente como as irmãs da Santa Cruz se inseriram no contexto social de Governador Mangabeira e a partir de um olhar atento, passaram a desenvolver atividades sociais, que visavam a melhoria da vida cotidiana do povo mangabeirense.

Para tal, pensarei no primeiro momento, o processo de inserção das Irmãs no contexto da década de 1971 no município, buscando entender como elas se adaptaram ao local, bem como pensarei quais as principais atividades realizadas por estas.

Não perderei de vista que Governador Mangabeira é uma cidade do interior baiano em que a presença de coronéis ainda era latente mesmo na década de 1970, sendo eles os principais empregadores e donos de fabricas de fumo, que por sua vez, se configuravam como as maiores fontes de renda do município. As irmãs da Santa Cruz, percebendo as condições insalubres em que as mulheres fumageiras eram submetidas nessas fabricas, organizaram junto com estas, um cooperativa de fumo, em que as condições de trabalho eram adequadas e os lucros com a produção eram repartidos igualmente entre todas. Sabendo disso, discutirei brevemente, se essa organização causou algum conflito entre as irmãs e os referidos coronéis.

Para além disso, pensarei também o papel que as demais mulheres católicas e leigas desempenharam contribuindo com as atividades realizadas pelas irmãs. Tendo em vista que a maioria dessas mulheres eram brancas e letradas.

Compreendendo que mesmo tendo autonomia financeira e mesmo sendo consagradas ao sacramento da ordem, essas Irmãs da Santa Cruz são mulheres, e por isso, hierarquicamente estavam subordinadas as instruções e comando de um clérigo masculino, nesse sentido, me debruçarei a pensar como se davam as relações de gênero dentro do espaço da Igreja, e como essas irmãs, burlavam ou não as instruções do pároco.

Por fim, ainda nesse capitulo, discutirei em quais medidas e sobre quais circunstancias o universo da médium carmelita se cruzou com o das Irmãs da Santa Cruz. Levando em consideração que Governador Mangabeira é um pequenos município no interior baiano, e que o público em que era direcionado as atividades realizadas por Carmelita era basicamente o mesmo para o qual eram direcionadas as ações realizadas pelas irmãs, ou seja, principalmente mulheres, negras e pobres, levantamos a hipótese de que em uma medida ou outra o universo desses grupos religiosos se cruzaram.

**Prováveis Subtítulos:**

3.1. A GENTE OLHAVA A REALIDADE E AGIA ALI: AÇÕES E ATIVIDADES REALIZADAS PELAS IR. DA SANTA CRUZ.

**3.1.1. Uma cooperativa feita por mulheres e para mulheres.**

**3.1.2. Homens integrando o mesmo espaço.**

3.2. “ERAM VÁRIAS MULHERES TRABALHANDO COM A GENTE”: CONSTRUÇÃO COLETIVA DAS AÇÕES SOCIAIS.

3.3.- “EU DAVA AUTONOMIA A ELAS, MAS TAMBÉM ACONSELHAVA NEM TUDO PODERIA FAZER”: RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPAÇO RELIGIOSO.

3.4. ONDE OS DOIS MUNDO SE CRUZAVAM: RELAÇÕES DE PROXIMIDADE ENTRE O UNIVERSO DA MÉDIUM CARMELITA E DAS IRMÃS DA SANTA CRUZ.

**Fontes:**

Orais:

José Oliveira Santos- Primeiro Padre da cidade de Governador Mangabeira;

Gabriell de Mouro a- Irmã de Caridade da Santa Cruz;

Maris Stella Rigo- Irmã de Caridade da Santa Cruz;

Nilza Santana- Participante ativa da Igreja Católica

Miriam Gesteira- Participante ativa da Igreja Católica

Doraliza Souza- Participante ativa da Igreja Católica

Manuscritas:

Livro de Tombo da paroquia Nossa Senhora da Conceição.

Livros de Memória das Irmãs da Santa Cruz

Impressas:

Jornal Eclesial

Iconográficas;  
 Acervo de fotos das Irmãs da Santa Cruz, conjunto composto por 300 fotos.

**Bibliografia:**

FAUSTINO, **Teixeira. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo**. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.

BOFF, L., **O rosto materno de Deus**. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_\_\_. A Ave-Maria. **O feminino e o Espírito Santo**. Petrópolis: Vozes, 2002

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003 A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2003

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero –** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003

GEBARA, Ivone. **Mulheres femininas e feministas fazendo teologia**. In: Contexto Pastoral, CBEP/Rio de Janeiro: CEDI, ano III, nº1 ( maio/junho), 1993.pp.6-7

SANTOS, Fabricio Lyrio. **Os jesuítas, a catequese e a questão da administração das aldeias no período colonial.** In: Simposio nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

SILVA, Candido da Costa e; **Roteiro de vida e da morte**: um estudo do catolicismo no Sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982. p. 14

SILVA, Elizabete Rodrigues da; **Fazer Charutos**: uma atividade feminina. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

\_\_\_\_\_\_, Elizabete Rodrigues da; **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres**: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo baiano. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

1. BARROS, José D’Assunção. **A Nova História Cultural**: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Ouro Preto: Cadernos de História, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011. [↑](#footnote-ref-1)
2. SILVA, Elizete Machado da. A tradição Popular das Rezadeiras no Municipio de Governador Mangabeira (1962-1987). **Revista Acadêmica Textura** Governador MangabeiraBa, Edição especial, p.119-138. 2012 p.121 [↑](#footnote-ref-2)
3. COMUNIDADE religiosa das Irmãs de Caridade da Santa Cruz. Livro de Tombo da Paroquia Nossa Senhora da Conceição 1971-1998. Governador Mangabeira-Ba: 1971, p.2. Secretaria Paroquial da Igreja Nossa Senhora da Conceição [↑](#footnote-ref-3)
4. Gabriela de Mouro. Irma de Caridade da Santa Cruz. Natural da Itália, atualmente moradora da cidade de Governador Mangabeira. Entrevista concedida: 18 de maio de 2017 [↑](#footnote-ref-4)
5. Cf. SILVA, Elizabete Rodrigues da; **Fazer Charutos**: uma atividade feminina. Dissertação (Mestrado em História). [↑](#footnote-ref-5)
6. Livro de memórias das Irmãs de Caridade da Santa Cruz. Arquivo particular. [↑](#footnote-ref-6)
7. Como são comumente chamada as mulheres que recebem a consagração da ordem. [↑](#footnote-ref-7)
8. HISTÓRIA. Disponível em:< <http://www.irmasdecaridadedasantacruz.com.br/historia.html>>. Acesso em: 03 de outubro de 2017. [↑](#footnote-ref-8)
9. Ivete Gomes. Irma de Caridade da Santa Cruz. Natural de São Salvador atualmente moradora da cidade de Governador Mangabeira [↑](#footnote-ref-9)
10. BOFF, Leonardo. **Quarenta anos da Teologia da Libertação**. Disponível em:< https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/> [↑](#footnote-ref-10)
11. FRATELIS, Ânila Teresa Santana. **Filhos e Filhas do Mesmo Santo**: Culto aos Santos e um Jeito de ser Católico na Comunidade Rural de Queimadas (1970-1990). Monografia. Feira de Santana: UEFS, 2018. [↑](#footnote-ref-11)
12. CONCEIÇÃO. Op. Cit. p. 149 [↑](#footnote-ref-12)
13. SIQUEIRA, Maria de Lourdes. “**Gênero e Racismo**”. In: SABOYA, Giberto Verne (Org.). Anais de Seminários Regionais Preparatórios para a Conferência Mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado de Direitos Humanos. 2001. [↑](#footnote-ref-13)
14. CONCEIÇÃO. Op. Cit. p.149-150 [↑](#footnote-ref-14)
15. Ibid. p.150 [↑](#footnote-ref-15)
16. BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. Perspectiva: São Paulo, 2004.p.38 [↑](#footnote-ref-16)
17. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. p.426 [↑](#footnote-ref-17)
18. ALBERT, Verena. 1990 - **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas. p.5 [↑](#footnote-ref-18)
19. GANDON, Tania. **Palavras de Itapuã**: literatura e história. In: neho-historia - Revista do Núcleo de Estudos em História Oral. Número 1, Novembro 1999, p.35-36. [↑](#footnote-ref-19)
20. DOMINGUES, Viviane Pedroso. **Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo. 2011.p. 12 [↑](#footnote-ref-20)
21. MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe De Brum . **Imagem, história e ciência. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas** , v. 9, p. 283-286, 2014. 283, [↑](#footnote-ref-21)
22. BOURDIEU, 2004.p.57 [↑](#footnote-ref-22)
23. Ibid. p.58 [↑](#footnote-ref-23)
24. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990 [↑](#footnote-ref-24)
25. Ibid, p.183 [↑](#footnote-ref-25)
26. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990 [↑](#footnote-ref-26)
27. Idem, p.21 [↑](#footnote-ref-27)